

capoa

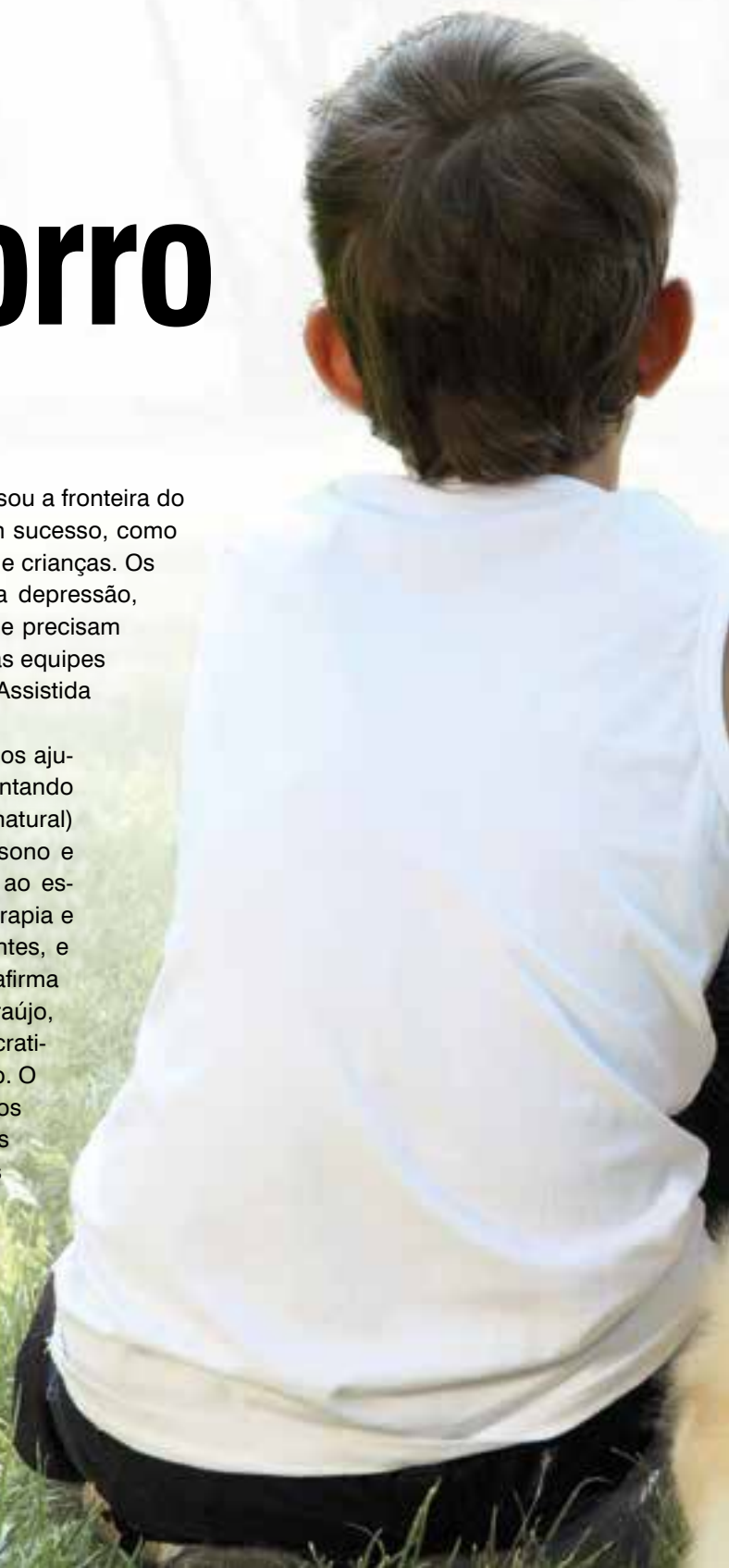
TERAPIA COM CÃES REFORÇA TRATAMENTO E AJUDA NA RECUPERAÇÃO DE PACIENTES DE TODAS AS IDADES

Bom pra cachorro

A fama de melhores amigos do homem já ultrapassou a fronteira do convívio doméstico: os cães vêm sendo utilizados, com sucesso, como auxiliares na terapia e reabilitação de pacientes adultos e crianças. Os animais têm se revelado poderosos antídotos contra a depressão, levando alegria e promovendo a interação daqueles que precisam passar por um período de internação. É o que atestam as equipes de saúde e as organizações que promovem a Terapia Assistida por Animais (TAA).

A ciência comprova que o contato com os bichinhos ajuda a liberar os chamados “hormônios do bem”, aumentando a produção de endorfina (considerada um analgésico natural) e serotonina (que atua no cérebro regulando humor, sono e apetite) e reduzindo as taxas de cortisol (relacionado ao estresse). No tratamento do câncer, que envolve quimioterapia e radioterapia, os efeitos colaterais podem ser desgastantes, e os animais ajudam a desviar o foco da doença. É o que afirma a microempresária na área de comunicação Roberta Araújo, coordenadora do Pelo Próximo, associação sem fins lucrativos, criada por ela em 2010 e que atua no Rio de Janeiro. O projeto filantrópico conta com 23 animais – 19 cachorros e quatro calopsitas – e visita de forma gratuita hospitais das redes pública e privada, além de creches e casas geriátricas, entre outras instituições.

Para requisitar os *pet* terapeutas, as entidades interessadas entram em contato com o projeto, a fim de conhecer seu funcionamento, conta Roberta. Então, o pessoal do Pelo Próximo faz uma palestra de apresentação à equipe da unidade interessada, e, finalmente, são propostas as datas das visitas.



Roberta lembra que sempre gostou e conviveu com animais em casa. “Eu não me conformava que eles pudessem ser somente cães de guarda ou de companhia e fui pesquisar. Descobri que, fora do País, muitas entidades já trabalhavam a terapia com intervenção de animais e resolvi aprender mais sobre o assunto.” Ela fez uma capacitação em terapia e atividade assistidas por animais, em São Paulo, e também diversos cursos online sobre o tema. Logo depois, reuniu um grupo de voluntários formado por adestradores especialistas em comportamento canino, veterinários, fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos.

E assim surgiu o Pelo Próximo, que tem o objetivo de proporcionar benefícios terapêuticos para a saúde física, emocional e mental das pessoas. “Ao longo do projeto, aderiram também

médicos de várias especialidades, enfermeiros e voluntários comuns, como donas de casa e estudantes”, acrescenta Roberta.

Os voluntários – donos dos cães – que desejam participar do projeto levam seus animais para a seleção. Não há raça específica para esse trabalho. Até mesmo os sem raça definida, os chamados vira-latas, podem participar. O que é levado em conta é o temperamento do animal, que não pode ser agressivo. A seleção é rigorosa. O adestrador especialista em comportamento de cães avalia cada um, verificando como os animais se portam em situações de atendimento. Os bichinhos são colocados em teste o tempo todo. “O animal não pode, em hipótese alguma, reagir a uma agressão, um puxão de pelo ou de orelha. Isso pode acontecer, pois lidamos com pacientes bastante comprometidos, como crianças com paralisia cerebral, síndrome de Down e autistas, que podem ter atitudes não muito boas para os animais. Os tutores [donos] ficam bem atentos, mas às vezes acontece de o animal ter o pelo puxado, e não podemos correr o risco de ele reagir negativamente”, explica Roberta.

“O paciente sente um grande bem-estar com a presença dos cães, porque eles remetem ao lar, e alguns doentes estão internados há bastante tempo. A presença dos animais aumenta a capacidade motora, melhora o sistema imunológico, diminui os sintomas da depressão, reduz a ansiedade e baixa a pressão sanguínea”

ROBERTA ARAÚJO, coordenadora do Pelo Próximo



“A terapia com os animais contribui para a qualidade de vida do paciente e está em conformidade com a política de humanização na área da saúde”

RAFAELA COSTA BRAGA, psicóloga do HC IV

Com a vivência cotidiana nesse trabalho, Roberta constata que são muitos os benefícios da TAA. “O paciente sente um grande bem-estar com a presença dos cães, porque eles remetem ao lar, e alguns doentes estão internados há bastante tempo e ficam com muita saudade de casa. Além disso, muitos pacientes têm animal de estimação. Vemos benefícios físicos, mentais, emocionais e sociais. A presença dos animais aumenta a capacidade motora, melhora o sistema imunológico, diminui os sintomas da depressão, reduz a ansiedade e baixa a pressão sanguínea. E com isso, a ingestão de medicamentos também diminui. Podemos dizer que o animal é uma grande fonte de prazer que movimenta os hormônios do bem”, observa Roberta.

Os cães são facilitadores do trabalho das equipes de saúde e não estão ali para substituir os profissionais, explica Roberta. “Muito pelo contrário. Eles precisam do comando do homem para saber o que fazer. Os animais que têm muito tempo nesse serviço já sabem como agir, mas precisamos sinalizar para que eles façam o trabalho”, esclarece.

HIGIENE TOTAL ANTES DO CONTATO

Nas visitas, que duram de uma hora a uma hora e meia, uma equipe multidisciplinar integrada por psicólogo, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta e o tutor acompanha o animal. Os pacientes fazem a escovação de pelos e passam a mão nos cães de forma a criar um vínculo. Antes de os bichos encontrarem os pacientes, passam por muitos cuidados: vão à *pet shop*, tomam banho, têm as unhas cortadas e lixadas, escovam os dentes, e o

pelo é seco. Mas a preparação não para por aí. Ao chegarem aos locais de atendimento, junto com seus donos, os animais têm as patas limpas, e é borrifado em toda a pelagem um produto à base de álcool 70 graus e clorixidina, para matar qualquer tipo de bactéria. “Depois dessa assepsia, eles estão limpinhos para ter contato com os pacientes. As pessoas abraçam os cachorros, comentam ‘nossa, como eles são cheirosos’ e fazem muito carinho”, relata a coordenadora do Pelo Próximo.

Os cães que integram o projeto devem ser castrados para que não sofram variação de humor e não percam o foco. Além do treinamento, os adestradores passam um “dever de casa” para os donos dos animais, que precisam, diariamente, praticar exercícios com os bichos. “Uma vez por mês, socializamos todos os animais e reunimos a equipe inteira. Para trabalhar, os cães têm que estar tinindo.” A idade mínima para um cão participar do projeto é um ano, e a máxima, nove. “Aos 10 anos eles entram no ‘modo aposentadoria’. Mas também não são retirados imediatamente do projeto. O desligamento tem que ser gradativo, porque os cães sentem falta e podem entrar em depressão”, justifica Roberta.

No momento, o Pelo Próximo é o único projeto de *pet* terapia que faz visitas a hospitais públicos do Rio, em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde. Em 2012, o projeto visitou pacientes na Unidade de Cuidados Paliativos do INCA, o HC IV. “Em uma ocasião, dois pacientes saíram do pré-coma, e assim que o animal entrou no quarto, pediram para tocá-lo. Nós levamos cães menores para que eles pudessem acariciar.”

Psicóloga da unidade, Rafaela Costa Braga ressalta que algumas pesquisas indicam que o contato do paciente em cuidados paliativos com animais auxilia no controle da dor, alivia quadros de ansiedade ou depressão e minimiza os impactos da hospitalização. “Dessa maneira, a terapia com os animais contribui para a qualidade de vida do paciente e está em conformidade com a política de humanização na área da saúde.”

A procura pelos cães terapeutas só vem aumentando. Segundo Roberta, foram contabilizados 730 atendimentos do Pelo Próximo em 2011, 1.625 visitas no ano seguinte e 2.500 em 2013. “Ainda não fizemos o balanço dos atendimentos em 2014 e 2015, mas a progressão é astronômica”, comenta. Entre as unidades atendidas estão os hospitais estaduais de Anchieta e Eduardo Rabello e os institutos Benjamin Constant e Ronald McDonald.



Carinho sem idade: nas visitas do Projeto Pelo Próximo, crianças e adultos mostram afeto pelos cães



Fotos: Alessandra Fabro

HUMANIZAÇÃO NO HOSPITAL

Mário Eduardo Viana, pediatra especialista em terapia intensiva, é diretor-geral do Grupo Prontobaby, no Rio de Janeiro. Desde o ano passado, após pesquisas nacionais e internacionais em instituições que já possuem o projeto implantado, resolveu aplicar a terapia com animais nas unidades que administra.

A ideia surgiu a partir da vivência de Viana em hospitais nos Estados Unidos. “Lá, os cães visitantes circulam no hospital a fim de humanizar e descontrair o ambiente”, conta.

Para o médico, os benefícios da *pet* terapia são inúmeros. “Ela reinventa o ambiente hospitalar, aproximando-o do cotidiano familiar. A terapia com animais ajuda a diminuir o estresse, a tristeza e a ansiedade da permanência no hospital, além de estimular a socialização e a integração dos pacientes com a família, a equipe multidisciplinar e também com outros pacientes”, resume Viana.

No entanto, nem todos podem receber a visita dos bichinhos, explica o médico. Há restrições para os pacientes alérgicos, com neutropenia (células de defesa do organismo abaixo do padrão) e em

“A *pet* terapia ajuda a diminuir o estresse, a tristeza e a ansiedade da permanência no hospital, além de estimular a socialização e a integração dos pacientes com a família, a equipe multidisciplinar e também com outros pacientes”

MÁRIO EDUARDO VIANA, pediatra e diretor-geral do Grupo Prontobaby

pós-operatório imediato, entre outras situações. A visita é liberada para aqueles que podem se locomover até a área exclusiva da terapia e para os que estão internados por um longo período. Também é recomendada aos que apresentam sinais de depressão e de não aceitação do diagnóstico e da internação. Os que não conseguem se locomover



Alta demanda: os animais do Instituto Cão Terapeuta participam de quase 300 atendimentos mensais



também podem receber a visita dos *pet* terapeutas junto aos leitos.

Uma vez por semana, os cães do projeto Pelo Próximo visitam as crianças no Prontobaby. Os cachorros promovem verdadeiros “milagres”. Em uma dessas visitas, Viana lembra que um menino com quadro de depressão e em uso crônico de medicação ansiolítica se recusou a participar das atividades. “A mãe insistia para que levássemos um cachorro até o filho. Fomos ao quarto do menino, mas ele queria jogar videogame. Depois de insistirmos muito, finalmente ele foi para o atendimento e adorou participar dos jogos. Interagiu com outras

crianças, os voluntários e, principalmente, com os animais”, relata o médico.

Outro hospital que adotou a *pet* terapia foi o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo Octavio Frias de Oliveira (Icesp). Lá existia o projeto “Cão visita o dono”, coordenado pela psicóloga Regina Célia Rocha. A partir dele, surgiu a parceria com a ONG Patas Therapeutas, que realizou sua primeira visita aos pacientes em setembro de 2015. No mesmo ano, a psicóloga defendeu seu mestrado na PUC-SP usando o projeto como tema.

A médica Camila Bicalho, que trabalha no Serviço de Controle de Infecção Hospitalar (SCHI) do Icesp e acompanha as visitas dos cães periodicamente, relata que estudos já demonstram que o contato com os animais aumenta a liberação de endorfina. Por conta disso, o paciente tem menos episódios depressivos e de dor. De setembro de 2015 a fevereiro deste ano, foram beneficiados 40 pacientes no Icesp. As visitas dos cães terapeutas são mensais.

Há restrições para os pacientes que estejam em precaução de contato, usando dispositivos invasivos, como sondas e cateteres, apresentem feridas operatórias abertas e úlceras de pressão não contidas.

“Se as crianças estão internadas, fazemos a atividade na brinquedoteca. Assim, elas saem do quarto para interagir com os cães e acabam se socializando com outras crianças. Como resultado, têm melhor convívio com os profissionais de saúde, aceitando melhor os procedimentos”

TATIANE ICHITANI, psicóloga e presidente do Instituto Cão Terapeuta

ESTÍMULO AOS PACIENTES

Já houve bastante resistência e preconceito quanto ao auxílio de animais no tratamento de doentes. Mas, a partir de 2009, muita coisa mudou, e os hospitais estão procurando mais pela *pet* terapia, constata a psicóloga Tatiane Ichitani, presidente do Instituto Cão Terapeuta, de São Paulo. Antes de se tornar uma organização não governamental, em 2013, o Cão Terapeuta era um projeto social da empresa de adestramento e consultoria Cão Cidadão, do zootecnista Alexandre Rossi. Em 2009, um grupo de adestradores da empresa começou a trabalhar de forma mais estruturada e a fazer visitas mensais em duas instituições. Hoje, a ONG realiza cerca de 280 atendimentos mensais.

No dia a dia, a presidente do Cão Terapeuta percebe que a visita dos animais melhora bastante o problema de isolamento social entre os pacientes. “Se as crianças estão internadas, fazemos a atividade na brinquedoteca. Assim, elas saem do quarto para interagir com os cães e acabam se socializando com outras crianças. Como resultado, têm melhor convívio com os profissionais de saúde, aceitando melhor os procedimentos. As enfermeiras contam que alguns pacientes não queriam se alimentar e, depois do contato com os cães, ficaram mais animados e passaram a aceitar as refeições.”

No atendimento aos idosos, a psicóloga percebe que os cães contribuem para o exercício da memória – os pacientes decoram os nomes dos animais e sabem quando acontecem as visitas. “Há muitas histórias legais de motivação. Os bichos ajudam as pessoas a sair da depressão, e elas ficam esperando nossa visita.”

O modo de se relacionar com os animais depende muito do perfil do paciente. “As crianças, em geral, fazem carinho, querem passear com o cachorro no corredor e jogam bolinha, que alguns cães usam para fazer truques. Já os idosos gostam de pegar os cães no colo, ficam contando histórias, escovam, se preocupam se o animal está com sede, querem oferecer cuidados.”

O Instituto Cão Terapeuta trabalha com 45 cachorros de diferentes raças. A presidente da ONG é dona de Bruce, um *sheepdog* que a acompanha nas visitas. Mas, com 10 anos de idade, ele já dá sinais de que precisa se aposentar. “Bruce trabalha desde os 2 anos, e vejo que hoje ele quer ficar mais tranquilo. Ele gosta da interação, mas, depois de uns 20 minutos, já começa a se esconder e a querer ir embora. Por outro lado, os cães de pequeno e

“É um método alternativo de ajuda terapêutica que ocupa um lugar especial no tratamento de diversas patologias. Outro dia, um menino nos disse que a dor dele tinha passado”

SILVANA FEDELI PRADO, psicanalista e superintendente técnica da Patas Therapeutas

médio portes, com 10 anos, ainda têm bastante energia”, compara.

Para que os cachorros possam visitar os hospitais, eles seguem um cronograma que inclui exame de fezes e vermifugação trimestrais e controle mensal de pulgas e carrapatos. Também precisam tomar banho até 24 horas antes das visitas.

EFICÁCIA GARANTIDA

A superintendente técnica da Patas Therapeutas, psicanalista Silvana Fedeli Prado, reforça que a TAA é uma técnica cientificamente comprovada. “É um método alternativo de ajuda terapêutica que ocupa um lugar especial no tratamento de diversas patologias.” A ONG trabalha com 52 animais, sendo 47 cães, três gatos e dois coelhos. No ano passado, fez mais de 10 mil atendimentos voluntários.

A Patas Therapeutas está formando uma equipe de estagiários em veterinária e adestramento em TAA que vai acompanhar os atendimentos. No momento, a ONG visita 10 instituições na cidade de São Paulo e uma em Porto Feliz (SP).

Silvana revela que o contato dos pacientes em tratamento de câncer, principalmente os infantis, com os cães é sempre emocionante. “São crianças que, ao sair da UTI, querem ficar com os cachorros, ou que não saíam do quarto e vão brincar com os animais. Outro dia, um menino nos disse que a dor dele tinha passado”, orgulha-se a psicanalista. “Muitas vezes, somos chamados pelas mães para acalmar os filhos que estão chorando. O diretor-geral da Santa Casa relatou que nos dias de nossa visita as crianças tomavam menos analgésicos”, comemora. Coisa de melhor amigo mesmo. ■